

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ROBERTO GAVALDÓN, O OUTRO MEXICANO
8 de Setembro de 2025

DON QUIJOTE CABALGA DE NUEVO / 1972

(*D. Quixote Cavalga de Novo*)

um filme de Roberto Gavaldón

Realização: Roberto Gavaldón / **Argumento:** Carlos Blanco / **Fotografia:** Francisco Sampere / **Música:** Waldo de los Rios / **Intérpretes:** Mario Moreno "Cantinflas" (Sancho Pança), Fernando Fernán Goméz (D. Quixote), María Fernando d' Ocon (Aldonza/Dulcinea), Ricardo Merino, Mary Francis, Javiér Escrivá (Cervantes).

Produção: Oscar P. C. – Rioma (Hispano-Mexicana) / **Cópia:** Digital, cores, com legendas eletrónicas em português, 129 minutos / **Estreia Mundial:** 12 de Julho de 1972 / **Estreia em Portugal:** Império, 5 de Abril de 1973.

A imortal criação de Cervantes, o velho aristocrata de província tresloucado pela contínua leitura de romances de cavalaria tem sido pasto frequente do cinema. E diz-se "pasto" porque poucas são as que saem da mediocridade e se ficam pelo carácter anedótico (e "quixotesco", passe o pleonasmo) do personagem. Quase uma dúzia de versões se fizeram nos tempos do mudo (sem contar com toda uma série de histórias e personagens que lhe pediram o nome emprestado, o que continuou a acontecer no sonoro) e D. Quixote foi mesmo um dos primeiros personagens de ficção do cinema num filme de Ferdinand Zecca de 1902. De todos estes filmes nada resta e de nenhum ficou memória, excepto, talvez, a paródia de 1926 interpretada pelos então popularíssimos Pat e Patachon.

No cinema sonoro as coisas correram ligeiramente melhor, mas as relações de D. Quixote com o cinema parecem continuar sob uma maldição, lançada por um dos feiticeiros contra quem lutava o Cavaleiro da Triste Figura. Pabst realiza a primeira, que ainda permanece como obra de referência e o **D. Quixote** cinematográfico por excelência, com Chaliapine como intérprete. Duas décadas mais tarde, na URSS, Kozintzev leva a cabo uma singular, mas algo monótona, adaptação, que dá ao grande Tcherkassov (**Alexandre Newski, Ivan o Terrível**) a sua última grande aparição no cinema. Pela mesma altura começa a rodar-se a mais mítica de todas, a que Orson Welles tenta erguer ao longo de duas décadas, filme "maldito" e incompleto de que só em 1986 seria apresentada uma montagem do material existente no Festival de Cannes. Transformado em espectáculo musical na Broadway, a sua adaptação ao cinema aparece em 1972 com o Cavaleiro da Triste Figura interpretado por Peter O'Toole, James Coco no papel de Sancho Pança e Sophia Loren como Dulcinea.

Curiosamente o país em que D. Quixote nasceu não se atreveu durante muitos anos a tocar no seu clássico. A primeira adaptação do **D. Quixote** pelos espanhóis teve lugar em 1947, assinada por Rafael Gil. Versão abominável que terá traumatizado os admiradores do personagem. No ano em que aparecia no cinema a versão musical da Broadway os espanhóis tentam um novo esforço (ou "desforço"). Mas não ousam sozinhos fazê-lo cavalgar de novo. Esta nova incursão será feita em regime de co-produção com o México, e

deste país virá o realizador para filmar em Espanha: Roberto Gavaldón. A aposta maior seria o actor, vindo também do México, e procurando tirar-se partido da sua popularidade: Mario Moreno "Cantinflas". Entre uma e outra aparece a que é a mais interessante de todas: o filme de Vicente Escrivá, de 1962, e que desvia a história para a personagem inspiradora do cavaleiro, dando-lhe como título o seu nome: **Dulcinea**, e procurando seguir o seu destino após o encontro com D. Quixote.

Cantinflas irá ser, não D. Quixote, mas o seu fiel criado-escudeiro, Sancho Pança. Um Sancho pouco conforme à ideia que dele se formou e à imagem que dele se criou desde os imortais desenhos de Gustave Doré às suas recriações cinematográficas. O resultado, para Cantinflas, não é dos melhores: o peso da vedeta esmaga o personagem: é Cantinflas com os seus tiques e gestos que vemos e não a criação de Cervantes. Mas como o actor para procurar entrar na pele do personagem abdica de alguns dos seus métodos. Em especial o famoso "cantinflar" que possivelmente se adaptaria bem à personalidade de Sancho atenuasse até quase desaparecer. Daí resulta que Mario Moreno acaba por não ser nem Cantinflas nem Sancho Pança. Já mais convincente é o grande actor espanhol Fernando Fernán Goméz no papel do Cavaleiro da Triste Figura.

O mais grave, porém, é o quase desleixo com que Roberto Gavaldón dirige as aventuras de D. Quixote. Importa aqui menos a fidelidade (o argumento concentra as suas aventuras mais conhecidas no genérico, reservando os seus longuíssimos 131 minutos para o seu processo e para a paródia que os nobres lhe fazem, na tentativa de o curarem. Os cenários naturais, tanto a paisagem manchega como os castelos, são desaproveitados pela inépcia do director (a profusão de zooms é de arrancar os cabelos), os intérpretes medíocres e a inclusão de Cervantes no processo reduzido à anedota.

O penúltimo filme de Cantinflas, que poderia ter sido um dos seus melhores trabalhos, ficasse, na generalidade, pela caricatura. Felizmente não é este o Cantinflas que os seus admiradores recordam, e sim o do pobre *peladito* procurando sobreviver através de expedientes nos bairros pobres da Cidade do México, em **Puerta Jovén, Ahí Está el Detalle, Caballero a la Medida**, ou evadindo-se pelo sonho para um passado transformado á sua medida em **Los Tres Mosquiteros** e **Romeo y Julieta**. Tivesse então abordado Cervantes com este processo e talvez outro galo cantasse.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico